

NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES NA OBRA *VENCIDOS E DEGENERADOS* (1915) DE NASCIMENTO MORAES

NEGOTIATION OF IDENTITIES IN THE WORK *VENCIDOS E DEGENERADOS* (1915) BY NASCIMENTO MORAES

NEGOCIACIÓN DE IDENTIDADES EN LA OBRA *VENCIDOS E DEGENERADOS* (1915) DE NASCIMENTO MORAES

NÉGOCIATION DES IDENTITÉS DANS L'ŒUVRE *VENCIDOS E DEGENERADOS* (1915) NASCIMENTO MORAES

Lívia Teixeira Costa

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (LIESAFRO),
Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.

livia.teixeira@discente.ufma.br
<https://orcid.org/0009-0005-9099-206X>

Recebido em: 16/01/2025

Aceito para publicação: 28/04/2025

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender como se deram os processos de negociação de identidade, a partir da análise de dois personagens da obra *Vencidos e degenerados* (1915) de José do Nascimento Moraes, Andreza Vital e João da Moda. Para tanto, será realizada uma abordagem histórica e filosófica para entendimento de como as relações interseccionais de poder, trabalhadas no livro *Interseccionalidade* (2020) de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, influenciaram na negociação dessas identidades. No decorrer da narrativa, como mãe e filho, Andreza e João são separados imediatamente após o parto, sendo João da Moda vendido de imediato com ordens de seu próprio pai, Coronel Magalhães, senhor e estuprador de sua mãe. Este evento revela a brutalidade e desumanização vividas por Andreza, mulher escravizada, que mesmo sendo assegurada pela lei do Ventre Livre a conviver junto de seu filho até os oito anos de idade, na verdade, teve esse direito negado, criando ao longo de sua vida e na vida de seu filho, grandes lacunas emocionais que afetam sua autoestima, a forma de autopercepção, seus sensos de pertencimento e também as formas como se relacionam amorosamente. Por fim, destacamos a importância de considerar que as relações interseccionais de poder em *Vencidos e degenerados* (1915), principalmente racismo e elitismo classista, acabaram moldando as subjetividades bem como as perspectivas destes personagens em relação a aspectos de suas vidas posterior a eventos traumáticos.

Palavras-chave: Negociação de Identidades, Relações Interseccionais de poder, *Vencidos e degenerados*.

Abstract

This work aims to understand how identity negotiation processes took place, based on the analysis of two characters from the work *Vencidos e degenerados* (1915) by José do Nascimento Moraes, Andreza Vital and João da Moda. To this end, a historical and philosophical approach will be taken to

understand how intersectional power relations, discussed in the book *Intersectionality* (2020) by Patricia Hill Collins and Sirma Bilge, influenced the negotiation of these identities. During the course of the narrative, as mother and son, Andreza and João are separated immediately after giving birth, with João da Moda being immediately sold on orders from his own father, Colonel Magalhães, his mother's master and rapist. This event reveals the brutality and dehumanization experienced by Andreza, an enslaved woman, who even though she was guaranteed by the Free Womb law to live with her son until he was eight years old, in fact, had this right denied, creating throughout her life and in your child's life, large emotional gaps that affect their self-esteem, the way they perceive themselves, their sense of belonging and also the ways in which they relate lovingly. Finally, we highlight the importance of considering that the intersectional power relations in *Vanquished and Degenerated* (1915), mainly racism and class elitism, ended up shaping the subjectivities as well as the perspectives of these characters in relation to aspects of their lives after traumatic events.

Keywords: Identity Negotiation, Intersectional power relations, Vanquished and degenerate.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se dieron los procesos de negociación de identidad, a partir del análisis de dos personajes de la obra *Vencidos y Degenerados* (1915) de José do Nascimento Moraes: Andreza Vital y João da Moda. Para ello, se realizará un enfoque histórico y filosófico para entender cómo las relaciones interseccionales de poder, trabajadas en el libro *Intersectionalidad* (2020) de Patricia Hill Collins y Sirma Bilge, influyeron en la negociación de estas identidades. A lo largo de la narrativa, como madre e hijo, Andreza y João son separados inmediatamente después del parto, siendo João da Moda vendido de inmediato por órdenes de su propio padre, el Coronel Magalhães, amo y violador de su madre. Este evento revela la brutalidad y deshumanización vividas por Andreza, una mujer esclavizada que, aunque tenía garantizado por la Ley del Vientre Libre el derecho a convivir con su hijo hasta los ocho años de edad, en la práctica le fue negado. Esto creó a lo largo de su vida y la de su hijo grandes brechas emocionales que afectaron su autoestima, su autopercepción, su sentido de pertenencia y las formas en que se relacionan afectivamente. Por último, destacamos la importancia de considerar que las relaciones interseccionales de poder en *Vencidos y Degenerados* (1915), especialmente el racismo y el elitismo clasista, terminaron moldeando las subjetividades, así como las perspectivas de estos personajes en relación con aspectos de sus vidas posteriores a eventos traumáticos.

Palabras clave: Negociación de Identidades, Relaciones Interseccionales de Poder, *Vencidos e degenerados*.

Résumé

Ce travail a pour objectif de comprendre comment se sont déroulés les processus de négociation de l'identité, à partir de l'analyse de deux personnages de l'œuvre *Vencidos e Degenerados* (1915) de José do Nascimento Moraes : Andreza Vital et João da Moda. Pour ce faire, une approche historique et philosophique sera adoptée afin de comprendre comment les relations intersectionnelles de pouvoir, abordées dans le livre *Intersectionnalité* (2020) de Patricia Hill Collins et Sirma Bilge, ont influencé la négociation de ces identités. Dans le récit, en tant que mère et fils, Andreza et João sont séparés immédiatement après l'accouchement, João da Moda étant vendu immédiatement sur les ordres de son propre père, le colonel Magalhães, maître et violeur de sa mère. Cet événement révèle la brutalité et la déshumanisation vécues par Andreza, une femme réduite en esclavage, qui, bien que garantie par la loi du *Ventre Libre* de vivre avec son fils jusqu'à ses huit ans, s'est vue refuser ce droit. Cela a créé, tout au long de sa vie et de celle de son fils, de profondes lacunes émotionnelles affectant leur estime de soi, leur perception de soi, leur sentiment d'appartenance ainsi que leur manière d'établir des relations

affectives. Enfin, nous soulignons l'importance de considérer que les relations intersectionnelles de pouvoir dans *Vencidos e Degenerados* (1915), en particulier le racisme et l'élitisme de classe, ont fini par façonner les subjectivités ainsi que les perspectives de ces personnages concernant des aspects de leur vie après des événements traumatiques.

Mots-clés: Négociation des Identités, Relations Intersectionnelles de Pouvoir, *Vencidos e Degenerados*.

Introdução

O termo Interseccionalidade foi introduzido pela advogada, professora e ativista, Kimberlé Crenshaw no ano de 1989, quando a mesma observou que em determinadas circunstâncias, as identidades sociais de uma pessoa se cruzam, resultando em diversas formas de discriminação. No livro *Interseccionalidade* (2020) de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, as autoras afirmam que as relações de poder interligadas, são fatores agentes na negociação de identidades das pessoas negras mundialmente. Afirmam ainda, que a interseccionalidade é um fator relevante para compreensão da construção da identidade, explanando como raça, classe e gênero bem como outras categorias, se interligam para criar e modelar experiências coletivas de determinados grupos dentro da sociedade.

as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explica a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Patricia e Sirma, 2020, p. 15-16).

Através da abordagem analítica interseccional de Patricia e Sirma, é possível compreender que a identidade negra está sempre passiva a negociações em contextos de opressões e privilégios, dinâmica observada em *Vencidos e degenerados* (1915), obra de José do Nascimento Moraes, onde as relações de poder influenciam diretamente nas escolhas identitárias de personagens como Andreza Vital e João da Moda, que na evolução da narrativa, acabam mudando seus comportamentos em resposta aos acontecimentos trágicos, advindos da escravidão, moldando suas trajetórias e principalmente, suas subjetividades.

A escolha da obra de José do Nascimento Moraes, *Vencidos e degenerados* (1915), se deu primeiramente pela rica tapeçaria de personagens negros, aspecto relevante se tratando de um romance da primeira metade do século XX, onde a grande maioria das literaturas produzidas nesta época, eram compostas por personagens majoritariamente brancos. Além disso, chama atenção também a forma como o autor aborda as questões raciais, em especial o cotidiano opressivo vivido pelos intelectuais negros, bem como os recém libertos da escravidão na capital Maranhense oitocentista, São Luís, no período pós-Abolição da escravatura (13 de maio de 1888) e Proclamação da República (15 de novembro de 1889). A abordagem deste trabalho permite refletir criticamente as problemáticas raciais que Nascimento Moraes coloca em jogo.

Levando em consideração que a identidade negociada trabalhada neste texto é a identidade negra brasileira, é primeiramente necessário abordar o conceito de identidade negra para então, compreender os processos de negociação. Desta forma, é indispensável analisar as noções trazidas no livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (1999), do antropólogo Kabengele Munanga. Nele, o autor trabalha profundamente a identidade negra brasileira, argumentando que esta foi lapidada pelo projeto de branqueamento e ideologia da mestiçagem, dissolvendo a linha que demarca a separação de negros e brancos.

A mestiçagem no livro de Moraes é bastante evidente, a maioria dos personagens são descritos como “mulatos”, caracterísca que por muito tempo no Brasil foi utilizada como ferramenta de opressão do indivíduo negro, ou seja, uma dinâmica social que delegou a maioria das pessoas negras a rejeitarem sua identidade, aspirando a proximidade com a branquitude e ao status de mestiço. Com objetivo de destacar a relevância do intelectual maranhense, José do Nascimento Moraes e sua obra *Vencidos e degenerados* (1915), iniciamos com uma breve apresentação de seu romance, em seguida uma abordagem acerca da identidade negra e os processos de negociação dos personagens Andreza Vital e João da Moda.

Vencidos e degenerados

De acordo com Munanga (2003), a ideia da inferioridade negra origina-se na primeira concepção de raça, que inicialmente servia como uma ferramenta analítica europeia de compreensão do reino animal e vegetal. Todavia, a partir do encontro dos europeus com povos outros (ameríndios, africanos e outros), somada a necessidade de dominar uma mão de obra escravizada, esta concepção inicial sofreu um processo de adaptação para legitimação da superioridade branca e validação de instituições como colonialismo e escravidão.

José do Nascimento Moraes em *Vencidos e degenerados* (1915), trabalha a ideia de inferioridade negra, explanando que mesmo com a abolição da escravatura de 13 de maio de 1888, o indivíduo negro continua a ser visto como inferior ao indivíduo branco, especialmente no Maranhão oitocentista, onde foram criadas formas de subalternização dos negros, sendo estes “relegados a uma condição de cidadania de “segunda classe” (Schwartz, 1993, p. 248-249, Apud. Araújo, 2011, p. 96).

Utilizou na obra, a linguagem popular falada na época e moldou seus personagens através de contrastes, alguns possuem liberdade e outros vivem em cativeiros. Uns enfrentam dificuldades econômicas enquanto outros desfrutam de riquezas. Encontramos na obra famílias influentes e outras sem relevância social alguma. Homens de prestígio e pessoas sem instrução. Quando descreve cenas em que escravizados aparecem, não os relega a uma condição de passivos ou obedientes. Na verdade, apresenta a nós leitores, indivíduos que resistem de sua maneira às violências impostas pelos senhores de escravizados. Um exemplo é Alfredo, homem escravizado, que mata seu senhor depois de ser humilhado e espancado pelo mesmo.

À distância de dois passos, Alfredo saltou na gola do paletó do tenente-coronel Magalhães, repuxando-a para debaixo do queixo. Foi rápida a cena: uma lâmina lucilou no ar, brandida pelo pulso do escravo, rápida desceu, uma, duas, três vezes, e um corpo baqueou na rua, sem um gemido. - Dona Amélia - falou-lhe Alfredo - acabei de matar seu marido. Vosmecê sabe melhor do que eu que eu era o único escravo que o estimava. D. Amélia, acredite: eu tinha até satisfação em ser escravo. Não era para seu marido (as lágrimas desciam-lhe pelo rosto) fazer o que me fez hoje. Minha senhora, me desculpe. Mande juntar o corpo de seu marido lá na Rua de Santana. Até nunca mais! (Moraes, 2000, p. 133-134).

Moraes foi fortemente influenciado e movido pelas expectativas de transformação política no Brasil, especialmente no Maranhão. Seu romance explora uma interpretação totalmente inédita da existência de africanos e seus descendentes na sociedade brasileira maranhense.

Sua obra segue um quadro de grande intensidade sociológica acerca da capital São Luís durante o fim do século XIX, com isso, tornou-se uma figura central entre os pensadores de sua época. Na maioria de seus trabalhos, além do seu único romance, *Vencidos e degenerados* (1915), explora as tensões existentes no Maranhão, sempre colocando as questões raciais como primeira instância, já que como indivíduo negro, enfrentou o racismo diante daqueles que minimizaram seu valor como intelectual. Com uma abordagem irônica, sarcástica e muito incisiva, *Vencidos e degenerados* (1915), torna-se uma obra impactante ao abordar a escravidão no Brasil quanto nas esferas sociais.

Negociações de identidades e as relações de poder

No texto intitulado *Caminhos Identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva*, Quecia Silva e Eduardo Oliveira mencionam que a construção identitária:

engloba diversos marcadores, tais como, gênero, religião, raça, sexo, etnia entre outros, que nos direcionam em nosso cotidiano social e nos representam enquanto sujeito histórico. Dentre estes, o marcador racial é o que move a construção da nossa produção textual. Para tal, precisa-se considerar que ao falarmos de raça estamos também falando de construções ideológicas e hierarquização social (Quecia e Eduardo, 2018 p. 147).

Tendo em vista que marcadores sociais são um fator crucial na construção da identidade, especialmente o marcador racial, podemos afirmar que as construções identitárias de personagens negros do romance de Moraes, em especial aqueles que um dia foram escravizados, são profundamente enraizadas nas violências físicas, bem como as piscológicas da escravidão. Exemplo disto é o personagem ex-escravizado Alfredo, que acaba cometendo o assassinato de seu senhor depois de ter sido ridicularizado pelo mesmo em público com tapas na cara.

Somos apresentados a personagens cujas subjetividades, são construídas e moldadas a partir das experiências de opressão racial num contexto de desumanização das pessoas negras, e

não apenas isto, podemos incluir neste processo de construção identitária, a luta corriqueira por reconhecimento e dignidade mesmo depois da formal finalização da instituição escravista. Isso porque a condição dos libertos da escravidão no Brasil pós-abolição, revela que mesmo juridicamente reconhecidos como cidadão, estes continuariam sendo tratados de forma marginalizada e excluídos dos planos de igualdade e progresso.

Em *Vencidos e degenerados* (1915), um personagem chamado Zé Catraia, é um exemplo desta afirmação. Embora legalmente um cidadão, é violentamente expulso de um evento que comemorava a Proclamação da República por um policial, mas de forma irônica rebate: “— Mas é assim que se empurra um cidadão?”, e o policial responde: “— Ponha-se fora!” (Moraes, 2000, p. 280). Esta cena reflete como, mesmo em liberdade, os ex-escravizados foram repetidamente desrespeitados, demonstrando que a cidadania era mais uma formalidade que a realidade propriamente dita.

Mestiçagem e relações de poder em Vencidos e degenerados (1915)

A mestiçagem no romance é bastante evidente. A maioria dos personagens são descritos como “mulatos” e outros termos que remetem a cor da pele não branca, a exemplo dos próprios protagonistas. Cláudio Olivier e João Olivier são descritos primeiramente como morenos, sendo Cláudio caracterizado como “moreno cor de jambo” (Moraes, 2000, p. 68), enquanto Andreza Vital é descrita como “mulata alta” (Moraes, 2000, p. 226). João da Moda, Maranhense, Domingos Daniel Aranha e outros mais, também são personagens negros não retintos descritos como mulatos. No entanto, esta descrição física dos personagens citados, não se limita ao aspecto biológico simplesmente, implica questões mais complexas ligadas a identidade e ao lugar que estes personagens ocupam.

No livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (1999), Munanga aponta que é um erro epistemológico confundir a mestiçagem biológica com a construção de identidade. Especialmente no Brasil, a mestiçagem, na ótica biológica e cultural, é um fato consolidado pela miscigenação de povos de diversas origens, como indígena, europeia e africana. Mas a questão principal aqui, é que a identidade propriamente dita, vai além da mistura biológica envolvendo um processo dinâmico, que é constantemente negociado e renegociado.

confundir o fato biológico da mestiçagem brasileira (a miscigenação) e o fato transcultural dos povos envolvidos nessa miscigenação com o processo de identificação e de identidade cuja essência é fundamentalmente político-ideológica, é cometer um erro epistemológico notável. Se, do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação entre povos que aqui se encontram é um fato consumado, a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológico-políticos e as relações do poder (Munanga, 1999, p. 108).

Em *Vencidos e degenerados* (1915), fica claro para nós leitores que a cor da pele não é apenas uma questão física, mas um marcador social que comporta os personagens num espectro racial afetando seus status, suas oportunidades e suas inserções nas relações de poder. Andreza Vital, João da Moda e outras personalidades do livro, carregam em suas descrições o preconceito social acerca da mestiçagem, moldando suas interações com o mundo e suas percepções acerca de si próprios.

Patricia e Sirma no livro *Interseccionalidade* (2020), afirmam que “as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (Patricia e Sirma, 2020, p. 15-16). Logo, podemos afirmar que as relações sociais, sejam elas amorosas, de amizade e profissionais, observadas no romance de Nascimento Moraes, são completamente influenciadas pelas relações de poder como por exemplo elitismo classista, o racismo e outras opressões que sofreram alguns personagens.

Exemplo disto é quando Cláudio Olivier perde aquele que acreditava ser um fiel amigo, o português Machado, sendo posteriormente demitido de seu trabalho ao se envolver amorosamente com Armênia Magalhães.

O Cláudio... Era um bom moço; mas depois da morte do João começou a desviar-se. Ele, há muito tempo vinha notando certas coisas desagradáveis e a mais e mais notícias lhe chegavam aos ouvidos. Alguns amigos já se lhe tinham queixado do Cláudio: era uma índole indomável, revoltado, um espírito diabólico, sarcástico, alma cheia de ódio, prevenções. O Machado era porque se lhe acostumaram; se não notara aquele todo provocador do rapaz, aquele falar arrogante, aquelas maneiras e aqueles modos que lembravam o João, e que denunciavam um amor próprio em alto grau, um orgulho sem barreiras, sempre a galgar alturas e vencer espaço (Moraes, 2000, p. 221).

Cláudio era um abolicionista que criticava duramente a sociedade elitista maranhense daquele contexto, o que incomodava as famílias fidalgas com opiniões contrárias. Além disso, sofreu grandes retaliações por manter uma relação amorosa com Armênia Magalhães, uma mulher de espírito livre, filha de um ex-senhor de escravizados. A relação é repudiada pela elite maranhense, implicando futuramente numa tentativa de assassinato de Cláudio, que impedido de amar, resolve fugir para o Amazonas em busca de melhor reconhecimento profissional, além de tentar preservar sua vida.

Todo esse enredo trazido no romance, ilustra como as noções de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge sobre as relações de poder, fazem sentido quando afirmam que estas exercem influência nas dinâmicas da vida pessoal dos indivíduos.

Processos de negociação de identidades de Andreza Vital e João da Moda

Nascimento Moraes, descreve seus personagens a partir da “cor, profissão e seu grau de inclinação para o saber e as letras” (Araújo, 2011, p. 88). Andreza, por exemplo, é apresentada primeiramente como uma mulher “muito velha e tosca, mulata alta, magra, simpática, de

trinta e cinco a quarenta anos aproximadamente.” (Moraes, 2000, p. 47). Outra informação importante acerca da personagem, é que a mesma um dia foi escravizada. Logo, as relações de poder se interligam criando uma forma de opressão única contra Andreza. Ora, como mulher negra, pobre e ex-cativa, sua condição a expõe ao racismo, sexism e marginalização socioeconômica.

Além de todos os aspectos mencionados, a personagem, tem o vício pela bebida, uma forma de escape para as adversidades que enfrenta diariamente. No entanto, no decorrer da narrativa, Andreza passa a mudar seu comportamento em detrimento ao vício e é apontada como louca.

Andreza se entregara por último ao vício da embriaguez, dava escândalos amiúde. Cláudio, com paciência evangélica, acompanhava-a em todas as suas quedas, juntava-a na rua, levava-a pelo braço até a casa, aturando-a e ouvindo-lhe os insultos. Não raro, em casa ela investia como louca para sair. Ele resistia com brandura, resignação e paciência. Rançava a porta e deixava que ela vociferasse horas e horas contra todos. No dia seguinte, lá estava ela a desculpar-se, a pedir perdão pelos maus feitos do dia anterior. Passavam-se duas, três semanas sem alteração. Lá vinha, porém, ia em que ela chegava embriagada do serviço e repetiam-se as mesmas cenas e algumas variantes (Moraes, 2000, p. 102).

Andreza é mãe de Cláudio, mas em determinado ponto do romance de Moraes, somos apresentados a João da Moda, que também é seu filho. João é descrito como “Mestiço, mais gordo que magro, rosto largo, de costeletas, e com duas formidáveis entradas na fronte.” (Moraes, 2000, p. 116). Sua mestiçagem se dá pelo fato de ser filho de uma mulher negra, com o Coronel Magalhães, homem branco. No entanto, após o parto, Andreza não tem conhecimento deste fato, pois teve seu filho arrancado do ventre e logo depois vendido.

Aranha soube, quando chegou, que Andreza se transviara comigo. Só não soube do teu nascimento, porque eu vendi para fora as escravas que lhe assistiram o parto. Zumbiu-lhe aos ouvidos que a tinham visto grávida, mas ele nunca chegou à evidência do fato. Aranha desprezou tua mãe, e todo o seu ódio, todo seu rancor contra mim se voltou. Cinco vezes eu tenho escapado desse cabra terrível, cinco vezes ele tem estado com a minha vida nas mãos (Moraes, 2000, p. 123).

O homem chamado de Aranha, é Daniel Aranha. Ele e Andreza têm um relacionamento complexo, e são representantes daqueles que lutaram pela liberdade e agora enfrentam desafios de integração e reconhecimento pós-abolição.

A lei do ventre livre é fundamental para entendermos como funcionava o poder sobre o corpo das mulheres negras escravizadas como Andreza, que não apenas nesta época de escravização, mas também hoje, configuram-se como uma intersecção entre raça e gênero. Não conseguimos discernir onde termina o racismo e começo o machismo sofrido por elas. A lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871 estabelece “Art. 1º Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre” (Brasil, 1871). No entanto,

Os bebês, na realidade, não seriam livres de verdade. Grosso modo, a Lei do Ventre Livre estabeleceu que os filhos permaneceriam junto da mãe escravizada, vivendo no cativeiro, até os 8 anos de idade. Dos 8 aos 21 anos, continuariam na propriedade do senhor ou, se ele não os quisesse mais, ficariam sob a tutela do Estado. O poder público, contudo, não se preparou para cuidar das crianças que completassem 8 anos. Elas, então, permaneceram nas fazendas, trabalhando como se fossem escravizadas. Na prática, a liberdade prevista na Lei do Ventre Livre só viria mesmo na idade adulta, aos 21 anos (Westin, 2021).

A lei do Ventre Livre não garantiu a liberdade para seus filhos. Na verdade, os manteve ligados a instituição da escravidão. Desta forma, Andreza continuaria sendo subjugada pelo sistema escravocrata, enfrentando não só a brutalidade da instituição, como também a negação de sua descendência. Perdeu seu filho, que por lei, era livre, mas foi vendido logo após seu nascimento. Além disso, por muito tempo Daniel Aranha, redirecionou seu ódio para quem ele via como responsável pelo “desvio” de Andreza, o Coronel Magalhães, carregando em seu peito uma sede de vingança insaciável.

Andreza e Aranha não são os únicos a sofrerem com isso, João da Moda carrega o peso do não pertencimento familiar. Mesmo posteriormente descobrindo sua filiação, não consegue aproximar-se de Andreza.

Não queria nunca que Andreza soubesse que era sua mãe. Um sentimento íntimo lhe exigia que se calasse. Não queria absolutamente que ela soubesse... Muitas vezes ao encontrar-se com ela tivera ímpeto de a abraçar e de a chamar de mãe! Mas uma força, cuja resistência ele não podia vencer, detinha-lhe os passos, embargava-lhe a voz, e ficava de pé sem movimento ao meio da rua, com os olhos pregados nela, que se afastava. As lágrimas subiam-lhe aos olhos; apoderava-se-lhe do corpo uma comoção estranha e sacudia-o, como se ele fosse uma vara verde (Moraes, 2000, p. 226).

Na vida de João da Moda, fica uma lacuna emocional significativa, que afeta sua autoestima, confiança e o senso de pertencimento, pois é negado a oportunidade de desenvolver uma conexão emocional saudável com sua mãe. O personagem chega a questionar-se: “Não teria aquela mulher nenhum pressentimento de que era seu filho?” (Moraes, 2000, p. 232). As negociações de identidades de Andreza, João da Moda e outros personagens da narrativa evidenciam a complexidade das opressões interseccionais que enfrentam.

A trajetória dos personagens de *Vencidos e degenerados* (1915), evidenciam como a identidade negra é continuamente moldada pelas opressões interseccionais de gênero, classe e principalmente raça, pois impactam profundamente a vida emocional, social e psicológica destes, cujas identidades são sempre negociadas e renegociadas num ambiente de marginalização.

Todas as cenas de violências retratadas na obra revelam o peso das heranças coloniais na formação da identidade negra brasileira, expondo que a liberdade jurídica não foi suficiente para libertar os personagens das amarras sociais e emocionais da escravidão.

Considerações finais

No decorrer da escravidão, os personagens negros são representados como pessoas que, mesmo submetidas a exploração brutal, resistem de inúmeras formas a opressão imposta por uma sociedade racista. A construção identitária, neste contexto, envolve uma negociação constante entre a imposição da inferioridade racial, juntamente com o esforço para manter a própria dignidade e senso de valor. O impetuoso cativeiro molda os personagens, no entanto não os define inteiramente, pois encontram formas de resistência e criam espaço para uma identidade própria, ainda que estejam dentro de uma estrutura opressora. Estas representações denunciam a violência da escravidão e evidenciam a habilidade de ação dos sujeitos negros, que resistem e constroem, ainda que sob extrema adversidade, caminhos de resistência e afirmação. Vale ressaltar que a permanência de narrativas como a de Nascimento Moraes, é de suma importância para compreender as raízes das desigualdades atuais, bem como valorizar a construção identitária negra consciente. Desta forma, a literatura torna-se não apenas um lugar de denúncia, mas também de memória e resistência.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em Nome da Cidade Vencida: a São Luís Republicana na Obra de José do Nascimento Moraes (1889 - 1920)**. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- COLLINS, P; BILGE, S. **Interseccionalidade**, São Paulo: Boitempo, 2020.
- DAMASCENA, Q; MIRANDA, E. Caminhos Identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva. **Rev. Hist. UEG - Porangatu**, v.7, n.1, p. 145-155, jan./jun. 2018
- MORAES, J, N, **Vencidos e degenerados**. 4^a edição. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.
- MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1999.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2003.
- WESTIN, Ricardo. **Temendo rebelião de escravos, fazendeiros tentaram barrar a Lei do Vento Livre**, 10/09/2021, <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivos/fazendeiros-tentaram-impedir-aprovacao-da-lei-do-ventre-livre>, Acesso em: 10/09/2024.